

Boa Nova para cada dia / março 2016

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Tríduo Pascal)

Tempo da Quaresma – Domingo de Ramos na Paixão do Senhor

Tempo Pascal – Tríduo Pascal / Domingo da Ressurreição

TEMPO DA QUARESMA

Ter, 1 – SEMANA III DA QUARESMA

Dan 3, 25.34-43 / Slm 24 (25), 4bc-5ab.6-7bc.8-9 / Mt 18, 21-35

Assim procederá convosco meu Pai... (Evang.)

Parece que Deus vingará as pessoas que nós tratámos mal. Ora, não é isso. O que se passa é que ao chegarmos junto do Pai seremos tratados consoante o estado da nossa bondade. Mas esse tratamento de Deus não tem nada de vingança. É só um receber o que somos, como somos. Jesus está a advertir-nos. O leitor tem ligado a essa advertência?

Qua, 2 – SEMANA III DA QUARESMA

Deut 4, 1.5-9 / Slm 147, 12-13.15-16.19-20 / Mt 5, 17-19

Não penseis que vim revogar a Lei. (Evang.)

Jesus dá o sopro do amor à Lei. A Lei ditada a Moisés era sobretudo «não fazer». A lei de Cristo é «fazer»: amar a Deus, a si próprio, o outro, o inimigo, amar o cônjuge... Amar, amar, amar... Como é que o leitor ontem amou? Agarre numa caneta e num papel e escreva. E como é que hoje vai amar?

Qui, 3 – SEMANA III DA QUARESMA

Jer 7, 23-28 / Slm 94 (95), 1-2.6-9 / Lc 11, 14-23

É por Belzebu [...] que Ele expulsa os demónios. (Evang.)

Quando não queremos acreditar, não acreditamos de qualquer maneira. E isso acontece com a palavra de Deus. Jesus, numa passagem (Mt 25, 31 ss), diz que quem não ajudar o próximo de umas maneiras específicas vai para o inferno. Como está na moda não se acreditar no inferno, não sei se isto motiva muita

gente. Se não motiva é porque, de facto, não acreditam. Que razão haverá para não se acreditar no que Jesus diz? O leitor acredita?

Sex, 4 – SEMANA III DA QUARESMA / 1ª SEXTA-FEIRA

Os 14, 2-10 / Slm 80 (81), 6c-8c.9-11b.14.17 / Mc 12, 28b-34

Ao ver que o escriba dera uma resposta inteligente... (Evang.)

Ao ver que o escriba dera uma resposta inteligente, Jesus disse-lhe que não estava longe do reino de Deus. O texto não nos diz que Jesus observou que a resposta estava certa. Diz que o escriba estava perto do reino de Deus por causa da sua inteligência. Jesus exalta os humildes mas não os parvos. Jesus conta com a nossa inteligência para a propagação do Reino. O leitor contribui com a sua? Vai contribuir? Como?

Sáb, 5 – SEMANA III DA QUARESMA / 1º SÁBADO

Os 6, 1-6 / Slm 50 (51), 3-4.18-21 / Lc 18, 9-14

Dou-Vos graças por não ser como os outros homens. (Evang.)

Este fariseu agradecia a Deus ser superior aos outros. Provavelmente, não agradecemos a Deus e até tentamos não pensar que nos sentimos superiores para não termos mais este defeito. Mas alguns de nós sentir-se-ão superiores. Esses são os que não precisam do Deus verdadeiro. Porque não se pode ter as duas coisas. Esse é que é o problema. O leitor analise-se bem.

Dom, 6 – DOMINGO IV DA QUARESMA – Ano C

Jos 5, 9a.10-12 / Slm 33 (34), 2-7 / 2 Cor 5, 17-21 / Lc 15, 1-3.11-32

O Evangelho de hoje começa por, uma vez mais, nos dizer quem são as pessoas que se aproximam de Jesus: os pecadores! Os piores pecadores. Estas companhias que Jesus escolhe fazem com que Ele atraia as críticas dos fariseus e dos escribas, das pessoas mais religiosas

e que se achavam justas e sem pecado. É neste contexto que Jesus introduz as parábolas da misericórdia, e em especial a de hoje, a dos dois filhos. Esta não pretende mostrar o ideal da vida familiar, mas ocupa-se de um problema fundamental: a existência do mal e a sua solução.

Esta parábola, que mais do que do «filho pródigo» ou do «irmão mais velho» é a parábola do Pai, é chamada «o Evangelho dentro do Evangelho». Ela apresenta-nos o ápice da mensagem de São Lucas que nos fala do grande banquete que o Pai faz para Se alegrar pelo seu filho morto e ressuscitado, que estava perdido e foi encontrado.

A raiz do pecado dos dois irmãos é a mesma: a imagem errada que têm do Pai. Um, o mais novo, para se libertar, procura uma estratégia do «prazer» que faz com que se afaste do Pai. O outro, o mais velho, usa uma estratégia do «dever», aquela da religiosidade servil que sacrifica toda a alegria de viver. Os dois têm como comum origem do seu pecado o desconhecimento de quem é o Pai. Pensam n'Ele como um Pai-patrão de quem precisam libertar-se. Assim, po-

demos compreender porque é que a conversão não é simplesmente um processo psicológico de aproximação a Deus, mas a mudança da imagem de Deus que tanto aquele que se pensa justo como o que se sabe pecador precisam fazer. Converter-se significa fundamentalmente descobrir que Deus é um Pai misericordioso e descobrir na ternura dos gestos de Jesus a revelação de um Deus que é Amor. Significa voltar-se para Deus, significa sair da desilusão do próprio pecado, ou da presunção da própria justiça, para a alegria de ser filho de Deus, filho muito amado do Pai.

Esta parábola convida-nos a passar de uma religiosidade servil à liberdade dos filhos de Deus. Convida-nos a perceber que somos amados não porque somos bons, mas porque Deus é nosso Pai.

Seg, 7 – SEMANA IV DA QUARESMA

Is 65, 17-21 / Slm 29 (30), 2.4-6.11-12a.13b / Jo 4, 43-54

O homem acreditou nas palavras que Jesus lhe tinha dito... (Evang.)

O homem acreditou nas palavras que Jesus lhe tinha dito e pôs-se a caminho. Depois de ter verificado o milagre, acreditou [de novo]; depois do milagre feito, confirmou a sua crença. O milagre reforçou a sua fé, não o fez esquecer de Deus. O que se passa nas nossas vidas com Deus tem que ser refletido por nós, senão «entra e sai como o sol pela vidraça» e nós ficamos com um vazio cá dentro.

Ter, 8 – SEMANA IV DA QUARESMA

Ez 47, 1-9.12 / Slm 45 (46), 2-3.5-6.8-9 / Jo 5, 1-3a.5-16

Desde então os judeus começaram a perseguir Jesus, por fazer isto num dia de sábado. (Evang.)

E não olhavam para si próprios. Nós deliciamo-nos com os ricos ou os políticos (!!!) corruptos para não olharmos para nós. Quantas vezes tiramos a melhor peça de fruta, o melhor bocado de carne, não apanhamos uma coisa que caiu ao chão a outra pessoa, dizemos aquela piadinha que vai rasgar a sensibilidade do outro como uma faca romba, não ajudamos a pessoa que vai ao nosso lado com sacos, comentamos tudo com tudo e todos, etc. Examinemo-nos.

Qua, 9 – SEMANA IV DA QUARESMA

Is 49, 8-15 / Slm 144 (145), 8-9.13cd-14.17-18 / Jo 5, 17-30

Os mortos ouvirão a voz do filho de Deus; e... viverão. (Evang.)

E mais abaixo Jesus diz: «os que tiverem praticado boas obras irão para a ressurreição dos vivos». Ouvindo, passa-se da morte à vida. E os que tiverem praticado boas obras irão para a ressurreição. A relação com Deus implica ação. Oração que não traz tentativa de conversão não é oração, é palha. Ação sem oração é só boa vontade. O leitor junta as duas?

Qui, 10 – SEMANA IV DA QUARESMA

Ex 32, 7-14 / Slm 105 (106), 19-23 / Jo 5, 31-47

Como podeis acreditar, vós que recebeis glória uns dos outros e... não... a... que vem só de Deus? (Evang.)

Para se aceitar só a glória que vem de Deus é preciso saber o que é «glória» aos olhos de Deus. A glória que vem de Deus é a glória que dá uma manjedoura. Se não percebermos isto caímos na terrível corrupção emocional que é vendermo-nos à glória que vem dos outros e, às vezes, bebemos com o leite materno. É uma glória impiedosa que nos abraça como um polvo e nos come como o bicho da madeira. Caro leitor, que tal um exame às suas glórias?

Sex, 11 – SEMANA IV DA QUARESMA

Sab 2, 1a.12-22 / Slm 33 (34), 17-21.23 / Jo 7, 1-2.10.25-30

Ainda não chegara a sua hora. (Evang.)

Em São João, a “hora” é fundamental. Nas bodas de Caná refere-se à altura propícia de começar a vida pública, na última ceia refere-se ao tempo da morte e ressurreição. Sabermos a hora é muitas vezes fundamental. A hora de Deus para fazermos, desfazermos e não fazermos. O leitor tem essa hora ou anda «ao calhas»?

Sáb, 12 – SEMANA IV DA QUARESMA

Jer 11, 18-20 / Slm 7, 2-3.9bc-12 / Jo 7, 40-53

Investiga e verás que da Galileia nunca saiu nenhum profeta. (Evang.)

Argumento um bocadinho idiota, este. «Se nunca veio, nunca virá». É como dizer: «se na loja “x” nunca houve o produto “y”, não é agora que vai haver». É um argumento de uma pessoa torcida que o que não quer é reconhecer o Messias. Nós somos mais subtis. Reconhecemos a divindade de Jesus mas, muitas vezes, não nos interessa ouvi-Lo. O leitor veja se percebe em quê.

Dom, 13 – DOMINGO V DA QUARESMA – Ano C

Is 43, 16-21 / Slm 125 (126), 1-6 / Fil 3, 8-14 / Jo 8, 1-11

A passagem do Evangelho de hoje leva-nos diretamente ao coração da mensagem de Jesus: o Filho de Deus que não julga ninguém e que por isso será julgado. Na verdade, quem está sob acusação aqui é Jesus e não a mulher. A pecadora é uma espécie de engodo para que os inimigos arranjem um motivo para condenar Jesus. No fim de contas, a sorte que parecia caber à mulher, isto é, ser morta, cairá sobre o Senhor.

Este relato mostra-nos como se comporta Jesus com os pecadores. Ele, que é amigo de pros-

titutas, de publicanos e de todo o tipo de pecadores, é acusado de blasfemar quando perdoa os pecados. Ele, que mostra a Simão, o Fariseu, que o importante na vida não é ser justo, mas amar mais (cf. Lc 7, 36 ss) e que diz que aquele a quem mais foi perdoado mais ama, não quer fazer outra coisa que não seja perdoar os nossos pecados. O nosso pecado não é para ser escondido de Jesus, mas para ser descoberto como lugar de perdão e, por estranho que nos possa parecer, lugar de conhecimento de Deus.

O mais comum é pensar que Deus perdoa os pecados porque nos arrependemos. Mas nesta mulher adúltera não há nenhum sinal de arrependimento. Na verdade, ela pode arrepender-se porque foi perdoada. Nós podemos arrepender-nos do nosso pecado porque Deus perdoa, perdoa sempre. Ele não Se dirige a nós porque nós nos dirigimos a Ele, mas porque Ele, desde sempre e para sempre, Se dirige a nós, Se aproxima de nós, por isso podemos dirigir-nos a Ele.

Esta passagem põe-nos em contacto direto com o mistério de um Deus que «tanto amou o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito» (Jo 3, 16). É assim que Deus Se comporta com os pecadores: assume sobre Si o nosso pecado e dá-nos a possibilidade de nos arrependermos. Se Ele denuncia o pecado não é para condenar o pecador, mas para o salvar. O Senhor veio para nos justificar e salvar pela graça: este é o sentido das Escrituras!

Ali, todos eram pecadores: sejam os fariseus, convencidos da sua justiça, seja a adúltera. Jesus não condena nem uns nem

a outra. Não quer condenar ninguém. Quer que tenhamos consciência do nosso pecado, que tenhamos consciência do nosso coração de pedra e deixemos que seja Ele a dar-nos um coração como o d'Ele.

O juízo de Deus não é a condenação do pecador, mas a salvação do pecado. É para nos salvar que nos mostra o nosso pecado. É para isto que servem as leis e as regras: para que nos apercebamos que alguma coisa não está bem. Mas não é a lei, não são as regras que nos salvam, é Jesus Cristo que nos perdoa. De cada um de nós espera-se o arrependimento para que, reconhecendo-nos amados, possamos responder com amor. É o amor que justifica a pecadora. É o amor que a torna justa, não os seus esforços. Na verdade, nós tornamo-nos justos na medida em que nos experimentamos amados pelo Justo que não condena. Então, porque amados, podemos amar. Porque perdoados, podemos perdoar e podemos compreender o que significa que o pleno cumprimento da lei seja o Amor (cf. Rom 13).

Seg, 14 – SEMANA V DA QUARESMA

Dan 13, 1-9.15-17.19-30.33-62 ou Dan 13, 41c-62 / Slm 22 (23), 1-3.5-6 / Jo 8, 12-20
Eu dou testemunho de Mim próprio e também o Pai, que Me enviou, dá testemunho de Mim. (Evang.)

Será que o Pai testemunha pelo leitor? Será que o Pai está por trás daquilo que o leitor faz? O que é que isso quereria dizer na prática? Quereria dizer se o leitor tem uma relação com Deus que enforma as suas ações ou se tem uma relação com Deus para um lado e vive para o outro. Pense nisso...

Ter, 15 – SEMANA V DA QUARESMA

Num 21, 4-9 / Slm 101 (102), 2-3.16-21 / Jo 8, 21-30

Eu faço sempre o que é do seu agrado. (Evang.)

Como é que esta frase soa ao leitor? Galvaniza o leitor, sugere-lhe sacrifício e cruz, sugere-lhe alegria, entusiasmo? Como é a vontade de Deus para o leitor? Como é que ela se relaciona com a sua vida? (Ou nem sequer se põe essa questão?)

Qua, 16 – SEMANA V DA QUARESMA

Dan 3, 14-20.91-92.95 / Dan 3, 52-56 / Jo 8, 31-42

O escravo não fica para sempre em casa. O filho é que fica. (Evang.)

Aquele que é escravo, quando se conseguir rebelar ou for liberto abandona o patrão. O filho não está com o patrão, está com o Pai. (Teoricamente) não tem razões para abandonar o Pai. Como Deus é sempre Pai, nós é que podemos não agir sempre como filhos. Se nos sentimos escravos, fugimos. Enquanto não amarmos livremente, fugimos...

Qui, 17 – SEMANA V DA QUARESMA

Gen 17, 3-9 / Slm 104 (105), 4-9 / Jo 8, 51-59

Se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte. (Evang.)

Noutra passagem, São Pedro diz a Jesus que só Ele tem palavras de vida eterna. As palavras de Jesus apontam-nos o caminho para Deus, mas isso implica que façamos duas coisas: que as assimilemos e as cumpramos. Nada disso é fácil. Meditemos em como é que o temos feito.

Sex, 18 – SEMANA V DA QUARESMA

Jer 20, 10-13 / Slm 17 (18), 2-7 / Jo 10, 31-42

Meu Deus, auxílio em que ponho a minha confiança. (Salmo)

O que quer dizer pôr a nossa confiança num Deus que deixa que crucifiquem o seu Filho, que a Mãe do seu Filho sofra horrores, que inocentes morram, etc. Parece não querer dizer grande coisa. Confiar em Deus é confiar no poder de um amor infinito nas alegrias e nas desgraças e não no poder de um amor que nos livra das desgraças. É, mesmo, entregarmo-nos a um Deus que Se desgraçou por nós. Reze, o leitor, sobre isto.

Sáb, 19 – SÃO JOSÉ, ESPOSO DA VIRGEM SANTA MARIA (Solenidade) / Dia do Pai

2 Sam 7, 4-5a.12-14a.16 / Slm 88 (89), 2-5.27.29 / Rom 4, 13.16-18.22 / Mt 1, 16.18-21.24a

Quando despertou do sono, José fez como lhe ordenara o Anjo do Senhor. (Evang.)

Nós também temos uma espécie de «sonos». Refiro-me a tempos de oração, adoração, contemplação, retiros, alturas em que estamos isolados do mundo que nos circunda, mesmo que estejamos imersos nele. Mas como é a ponte para o resto do nosso dia? Fazemos como o anjo do Senhor nos ordena?

Dom, 20 – DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR – Ano C

Is 50, 4-7 / Slm 21 (22), 8-9.17-18a.19-20.23-24 / Filip 2, 6-11 / Lc 22, 14 – 23, 56

A liturgia do Domingo de Ramos coloca no centro o relato da Paixão de Jesus, um tesouro muito precioso que conservamos e que nos abre ao mistério Pascal em que Cristo levou o seu amor por nós até ao fim.

Jesus escolheu livremente levar o seu amor por nós até à cruz. Às vezes, podemos ficar a

pensar porque é que era preciso sofrer tanto, se Deus não podia ter arranjado um outro modo. Tanto se disse sobre isto ao longo da história da Igreja, mas o que é importante é sabermos que foi assim que Deus decidiu salvar-nos. O pecado entrou no nosso coração e por isso vivemos uma vida de desobediên-

cia ao Pai. Deus feito homem em Jesus Cristo viveu em total obediência ao Pai e é essa obediência ao Amor que nos salva.

Cristo salva tudo o que assumiu e por isso, para sermos salvos integralmente, Jesus teve de assumir a nossa condição, tal como somos. Teve de nascer como todos nós, ser um refugiado sem pátria, trabalhar santificando o trabalho, foi incompreendido e odiado. No fim, e para nos libertar também da morte, aceitou o sofrimento e a morte. São Paulo, na segunda leitura, mostra-nos como Deus Se «esvaziou» de Si mesmo num ato de liberdade total e nos dá o sentido da «vida nova» à qual somos chamados, isto é, a «vivemos em Cristo Jesus».

Este hino sintetiza a narração da Paixão do Evangelho e desafia-nos a termos em nós os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, a partilharmos as suas escolhas, a sua lógica de vida que é

a do esvaziamento de si mesmo, para que em nós possa viver o Amor. Jesus não veio para curar «magicamente» o mundo, mas para abrir na nossa “carne” uma brecha para o Amor.

Deus «elevou-O» não por prémio, por ter feito uma coisa boa, mas pela lógica do Amor, a lógica de Deus: tudo é graça, tudo é dom. Quanto mais o amor é doado aos outros, quanto mais o amor se esvazia de si mesmo, tanto mais se torna grande; quanto mais se abaixa, mais se eleva. E isto não é uma ideia desligada da vida, abstrata, um sonho longe de nós, mas é a vida concreta de alguém que Se esvaziou completamente de Si próprio para ser um de nós, para ser por nós e conosco.

Paulo diz aos Filipenses que ele vive assim e que é isto que quer para eles: que vivam, a cada momento das suas vidas, a lógica de Cristo, a lógica do Amor que se torna grande aceitando diminuir.

Seg, 21 – SEGUNDA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 42, 1-7 / Slm 26 (27) 1-3.13-14 / Jo 12, 1-11

Disse isto não porque se importava com os pobres... (Evang.)

Os paroquianos foram ter com o senhor padre um bocadinho perplexos por há quatro domingos repetir a mesma homilia. O senhor padre disse: «Não mudo a homilia enquanto não fizerem o que eu digo». Hoje repito uma pergunta que venho repetindo: que percentagem do orçamento do leitor é para caridade? 0,1%, 0,01?

Quanto é que dá no cestinho da missa? 0,5 €, 1 €? Olhe para o seu cesto de supermercado de todas as semanas e para o que dá para o banco alimentar uma vez por ano. A sua alma não tem vergonha ou não tem alma? (Há sempre exceções.)

Ter, 22 – TERÇA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 49, 1-6 / Slm 70 (71), 1-4a.5-6ab.15ab.17 / Jo 13, 21-33.36-38

Eu darei a vida por Ti. (Evang.)

Todos damos a vida uns pelos outros até custar. Todos os irmãos se dão bem até à hora das partilhas. Ninguém é egoísta até o seu interesse estar em jogo. Por exemplo, seria bom tirarmos tempo para ver em que áreas da nossa vida o nosso interesse vence o que achamos que devíamos fazer. Mas enfiar esse tempo na nossa vida agitada já pode não ser do nosso interesse. O leitor veja...

Qua, 23 – QUARTA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 50, 4-9a / Slm 68 (69), 8-10.21bcd-22.31.33-34 / Mt 26, 14-25

Melhor seria para esse homem não ter nascido. (Evang.)

A grande desgraça de Judas foi ter desistido da sua própria salvação e se ter enforcado. Nesse sentido, mais valia não ter nascido, porque quem desiste de Deus... tem a sorte de Deus não desistir dele. O que eu quero dizer é que quem se fecha a Deus fica com um poder maior que o de Deus; impede que Deus faça o que quer que seja. O leitor atente bem nisto.

TRÍDUO PASCAL

Qui, 24 – QUINTA-FEIRA SANTA – CEIA DO SENHOR – Ano C

Ex 12, 1-8.11-14 / Slm 115 (116), 12-13.15-18 / 1 Cor 11, 23-26 / Jo 13, 1-15

O mistério Pascal coloca-se no coração daquilo que somos como comunidade eclesial. É o coração da Igreja, o coração do caminho pessoal de cada um em direção ao Pai. A Páscoa do povo hebraico assinala a passa-

gem da escravidão à liberdade operada por Deus, oferecida como dom de aliança. Hoje, a Igreja dá início à celebração do Tríduo Pascal, núcleo central do mistério da nossa salvação, celebrando a ceia do Senhor.

Sabendo o Senhor que tinha chegado a sua «hora», a «hora» em que Deus revela a sua glória, sabendo que tinha chegado o momento da sua passagem para o Pai, põe-Se de joelhos a lavar os pés dos seus discípulos. Parece estranho que para celebrarmos a «ceia do Senhor» nos seja proposto o Lava-Pés de São João.

Sabemos, pelo livro de Samuel, que lavar os pés era um sinal de grande intimidade que uma mulher fazia pelo seu marido ou uma filha para com o seu pai. Era também um sinal de acolhimento e hospitalidade para com um hóspede, mas sempre realizado por um escravo. O Senhor que nos acolhe e recebe mete-Se a Si mesmo na posição de escravo. Tirando o manto, que significa o abdicar da sua condição divina, e mettendo uma toalha, assume a condição de escravo.

Este gesto do Senhor exprime

a consciência que Jesus tem do amor do Pai e a sua vontade de o exprimir a todos os seus filhos e de o exprimir amando «até ao fim», amando até ao extremo cumprimento do amor. Este gesto não é um simples sinal: servir não é só um sinal, mas é a realidade do amor que se manifesta. Lavar os pés é um exemplo de como viver em serviço.

Então, lavando os pés aos seus discípulos, Jesus dá-nos um exemplo da Glória de Deus. Aqui nos revela quem é Deus, este Deus que nos é desconhecido. Dá-nos um exemplo da realidade do Amor. Lavar os pés, servir os outros não nos rebaixa, mas eleva-nos à glória de Deus. Jesus é Rei! Testemunha a verdade do rosto misericordioso de Deus que é Pai e mostra-nos a realidade do homem verdadeiro, criado à sua imagem e semelhança. Eis Deus, «Eis o Homem», eis a liberdade dos filhos de Deus.

Sex, 25 – SEXTA-FEIRA SANTA – Ano C

Is 52, 13 – 53, 12 / Slm 30 (31), 2.6.12-13.15-17.25 / Hebr 4, 14-16; 5, 7-9 / Jo 18, 1 – 19, 42

Muitas vezes insistimos na questão do sofrimento atroz por que passou o Senhor, como se esse fosse o ponto central e crucial da Paixão do Senhor, mas, na verdade, os evangelistas não dão tanta atenção a esse facto como poderíamos

esperar. São João, de modo particular, é muito sucinto na descrição dos sofrimentos físicos do Senhor. Mais do que descrever as coisas que aconteceram a Jesus, está preocupado em transmitir-nos aquilo que estava realmente a acontecer

por detrás dos simples factos e em mostrar-nos quem é Aquele que por nós vai à cruz.

Esta é a «hora» em que se manifesta a Glória do Senhor e é isto que São João nos quer transmitir: a imensidão do seu amor. Por isso, no Cristianismo antigo, a cruz era representada na sua realidade mais profunda, segundo o seu valor para a nossa história, isto é, como sinal de redenção e de amor, da vitória definitiva da vida sobre a morte. Ela é na verdade sinal de triunfo e aparece nas igrejas feita de ouro, sinal da realeza de Deus e como dom de vida eterna. No entanto, não podemos esquecer que é uma cruz e, embora seja dourada, é-o a preço de sofrimento. Foi assim com Jesus, é assim nas nossas vidas. Esquecer que a cruz é sinal da vitória da vida ou esquecer a dor que lhe é inerente é ter um olhar parcial e ingrato sobre a paixão do Senhor.

Muitos místicos, especialmente medievais, meditavam

continuamente o mistério da cruz de Cristo e eram acusados de estarem preocupados só com os sofrimentos do Senhor e de se esquecerem da alegria do Evangelho. Eles, no entanto, não partem do sofrimento humano mas da presença de Deus no mundo. Observam a vida de Jesus, a vida do Mestre. Observam como a Palavra de Deus feito homem, que ensinava, curava e fazia o bem, foi rejeitada. Até os seus amigos O abandonam e é condenado à morte. Mas Ele, com a morte, destrói a morte e a cruz, sinal de abominação e de humilhação, e transforma-a em sinal de glória e de vitória. Tal como na nossa vida: com Ele, a cruz, muitas vezes insuportavelmente dolorosa, que pegamos com as nossas mãos transforma-se numa cruz dourada de glória e as lágrimas que derramamos tornam-se pérolas preciosas. Só assim, com os olhos lavados pelo amor do Senhor, poderemos reconhecer os sinais da sua ressurreição.

TEMPO PASCAL

Sáb, 26 – SOLENE VIGÍLIA PASCAL – Ano C

Gen 1, 1 – 2, 2 ou 1, 1.26-31a; Slm 103, 1-2a.5-6.10.12-14.24.35a ou 32, 4-7.12-13.20.22; Gen 22, 1-18 ou 22, 1-2.9a.10-13.15-18; Slm 15, 5.8-11; Ex 14, 15 – 15, 1; Ex 15, 1-6.17-18; Is 54, 5-14; Slm 29, 2.4-6.11a.13b; Is 55, 1-11; Is 12, 2-6; Bar 3, 9-15.32 – 4, 4; Slm 18, 8-11; Ez 36, 16-28; Slm 41, 3.5bcd; 42, 3-4; Rom 6, 3-11; Slm 117, 1-2.16-17.22-23; Lc 24, 1-12

A Semana Santa é um grande paralelo com a primeira semana da Criação. No sexto dia foi criado o Homem e é também ao sexto dia que Jesus Cristo, Novo Adão, plasma de novo o velho Adão, recapitulando assim toda a história. Ao sétimo dia, Deus descansou, e ao sétimo dia, Cristo repousa no coração do Mundo.

Este sábado é o dia da «descida à mansão dos mortos», em que o Senhor estende a sua salvação a todos os tempos e a todos os lugares e a morte é definitivamente vencida. A Semana Santa faz-nos percorrer a História da Salvação, desde a Criação até à Escatologia, isto é, quando Cristo será tudo em todos e toda a criação bendirá o Senhor. Hoje, na Vigília Pascal, ápice da liturgia, centro de toda a vida da Igreja, somos convidados não só a recordar a vitória do Senhor sobre a morte, mas somos realmente conduzidos pelo Espírito Santo para lá do tempo e da história, para estarmos verdadeiramente presentes no «Hoje» do Senhor ressuscitado. O sentido da Vigília é fazer de nós testemunhas em primeira pessoa da ressurreição do Senhor para podermos, tal como as mulheres que vão ao túmulo de manhã, anunciar a boa nova pascal aos nossos

irmãos. Isto não é uma mera teoria teológica, mas uma evidência espiritual, por isso não é necessário fazer longos discursos com conceitos estranhos ou complicados, mas celebrar cantando «Aleluia» com todo o coração. Nesta Santa Noite, o «Aleluia» é para ser cantado numa explosão vigorosa de alegria e comoção, porque sabemos que somos sepultados com Cristo «na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova» (Rom 6, 4).

É isto que nos diz a leitura tirada da carta aos Romanos: aquilo que em nós era velho foi crucificado com Ele e assim já não somos escravos do pecado, mas homens e mulheres livres para escolher o bem e renunciar ao pecado, «vivos para Deus, em Cristo Jesus» (Rom 6, 11).

Nesta grande e santa Vigília celebramos o culminar da revelação de Deus, celebramos a passagem definitiva de toda a humanidade para o Reino Eterno do Pai. A Vigília Pascal abre as portas do oitavo dia da nossa redenção e somos introduzidos no «dia sem ocaso», no dia do Senhor. Celebramos a ressurreição de Cristo, mas a nossa é ainda uma esperança. Nós con-

tinuamos a experimentar dor e sofrimento na nossa vida. São Paulo diz-nos que, entrando o pecado no mundo, entrou também a morte e «assim a morte atingiu todos os homens» (Rom 5, 5). Mas o Filho de Deus, precisamente no momento em que parecia derrotado, destrói a morte. Ele, que é o Autor da vida, não podia ser derrotado

pela morte. Aquele que é a vida morre na sua natureza humana e assim Deus entra no reino da morte. Deus, santo e imortal, entrando no reino da morte, salva-nos da morte, destruindo-a a partir de dentro. É na sua obediência de amor que Cristo nos salva: Ele não só possui a vida, Ele é a Vida na sua essência, é a vida em abundância!

Dom, 27 – PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR – Ano C

At 10, 34.37-43 / Slm 117 (118), 1-2.16ab-17.22-23 / Col 3, 1-4 / Jo 20, 1-9

«Este é o dia que o Senhor fez: exultemos e cantemos de Alegria!»!

Terminado o sábado, as mulheres foram ao Sepulcro do Senhor. Era o primeiro dia da semana e é muito significativo este «primeiro dia» porque é o primeiro da nova criação, o «oitavo dia» para o qual tudo concorre, no qual tudo concorda, o dia «sempre eterno» do Senhor, no qual tudo é recapitulado em Cristo.

A morte entrou no mundo pelo pecado. São Paulo, na segunda leitura, da carta aos Colossenses, não tem dúvidas em afirmar que nós já fomos ressuscitados por Cristo e, se ressuscitamos com Cristo, isto significa que morremos n'Ele. Foi pelo batismo que fomos de-

finitivamente incorporados no corpo de Cristo. Morrendo com Ele, com Ele ressuscitamos e por isso a nossa «vida está escondida com Cristo em Deus». Hoje é o dia em que Cristo Se manifesta como vencedor da morte, é o dia em que também nós somos definitivamente retirados ao poder da morte.

No Evangelho de hoje vemos como São Pedro e «o outro discípulo» vão ao sepulcro, chamados pelas mulheres. Quem será «o outro discípulo, o que o Senhor amava»? A palavra que aqui vem usada é «amigo»: Pedro e o discípulo amigo do Senhor vão ao sepulcro. Pouco antes, o Senhor tinha dito «vós sois meus amigos se fizerdes o que Eu vos mando» (Jo 15, 14) e é Ele mesmo Quem nos dá o man-

damento novo: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». Somos chamados a amar com o mesmo amor com que o Senhor nos amou. Somos chamados a ter em nós um amor verdadeiro, semelhante àquele de Cristo, que se manifesta em não estarmos preocupados connosco próprios, em não temer, oferecendo a vida como Ele fez.

São João tinha-se deixado modelar pelo Amor do Senhor, não estava preocupado consigo mesmo e arriscou a própria vida entrando no Pretório quando Jesus foi preso. É um homem com a mentalidade do Amor, decide com o coração centrado em Cristo, raciocina com o mesmo Amor que é o do Senhor. Porque ama, vê e acredita. Porque ama, sabe que a morte não tem a última palavra, sabe que Cristo é a vida, que o Filho tem a vida eterna.

São João é para nós o mode-

lo de como sermos discípulos do Senhor, como sermos aqueles que amam e que fazem do amor o critério para olhar para o mundo. Compreendemos então que a nossa realidade verdadeira não é aquela que vemos imediatamente com os olhos, mas antes aquela que é iluminada pela Palavra. O critério é o Amor de Cristo! O Amor que é a sua própria Palavra.

E isto é verdadeiramente belo: uma nova existência! Estamos no novo dia, na nova criação, no dia Eterno do Amor. Esta é uma grande novidade para a nossa vida: professando a nossa fé, dizemos: «creio no perdão dos pecados, na ressurreição dos mortos e na vida eterna»; e hoje sabemos que Cristo venceu definitivamente a morte e nos deu definitivamente a vida. Para sempre. Um dia passaremos pela morte e dirão: «Está morto». Cristo responderá: «Está a dormir. Vou acordá-lo».

Seg, 28 – 2º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 2, 14.22-33 / Slm 15 (16), 5.8-11 / Mt 28, 8-15

Não temais. (Evang.)

Correram (...) cheias de temor. Deus dá alento àqueles a quem entrega missões particulares, dizendo: «não tenhas medo». A missão atemoriza. Tenho um amigo que está convencido que Deus o chama a determinadas ações. Mas tem tentado escapar-se com todas as forças e manha, dizendo-se que Deus passa bem sem ele, que é insignificante, que é pequeno demais para o que ele acha que Deus lhe quer. E o leitor está a escapar-se a alguma coisa? Pense bem.

Ter, 29 – 3º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 2, 36-41 / Slm 32 (33), 4-5.18-20.22 / Jo 20, 11-18

A bondade do Senhor encheu a terra. (Salmo)

E o pecado do pessimismo sem esperança encheu o nosso coração. Recusamo-nos a ver a obra de Deus. Só alguns exemplos: os jovens não têm generosidade para abraçar a vocação consagrada. O nosso ensino secundário está pior que nunca. Ninguém joga por amor à camisola. O mundo está dilacerado com guerras civis e corrupção. É verdade, mas não é a única verdade. Que olhos tem a alma do leitor? De que fala o leitor?

Qua, 30 – 4º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 3, 1-10 / Slm 104 (105), 1-4.6-9 / Lc 24, 13-35

(...) estavam impedidos de O reconhecerem. (Evang.)

Reparemos na expressão «estavam impedidos». O texto não diz «não O reconheceram». Diz «estavam impedidos». Sabemos que era a grande tristeza que os impedia de reconhecerem Jesus. Muitas vezes, as grandes tristezas da nossa vida fecham-nos. É a hora de nos agarrarmos a Nossa Senhora, que não se deixou fechar. Não é uma pia consideração. O leitor experimente.

Qui, 31 – 5º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 3, 11-26 / Slm 8, 2a.5-9 / Lc 24, 35-48

A paz esteja convosco. (Evang.)

Jesus diz aos discípulos: «A paz esteja convosco». Mas eles ficaram espantados e cheios de medo. A paz que Deus nos traz também demora muito a chegar da cabeça ao coração. E não chega automaticamente. Chega como a conta-gotas, por não acreditarmos nessa paz. Se fazemos finca-pé no nosso nervoso, na nossa angústia, Deus não tem por onde entrar. Deus precisa de um coração que tenha capacidade para se abrir a Ele na angústia. Peça isto que é difícil.